



Corpas gordas e suas exuberantes formas: Artes políticas performáticas em tempos de fascismos

*Fat body and their exuberant shapes:
Political performing arts in times of fascism*

*Cuerpos gordos y sus formas exuberantes:
Artes políticas y performance en el tiempo de los facismos*

Ruth Tainá Aparecida Piveta¹

Universidade Estadual Paulista/ Campus Assis-SP (UNESP- Assis)

Maria Fernanda Vilela de Magalhães²

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar, a partir de inquietações, produções artísticas e articulações teóricas, discussões que vinculam corpos gordas e suas vivências num tecido social que se costura como esteticamente violento diante de tudo aquilo que se considere dissidente, desviante e/ou fora da norma. Somadas a outras lógicas de opressão que atravessam a experiência do ser mulher latino-americana num mundo discursivo eurocentrado, buscamos tensionar, com nossas experiências, vivências e potências, o lugar engessado e rígido no qual somos situadas, a partir de medidas, métricas e pesos que costumam nossa experiência corporal. O texto se articula com imagens que fazem parte de um projeto fotoperformático em desenvolvimento, desde os anos 2000, por uma das autoras, buscando articular outras maneiras de dizer que não somente pela palavra escrita. Defendemos a importância de visibilizar a gordura também como modo de ação política. Para além das lógicas vitimizantes ou patologizantes, exercer a política de nos fazer presentes e falar em nome dessas experiências outras de vivenciar as corporalidades. Trata-se de um processo de desconstrução constante, que nos permite um exercício de reconciliação e de abertura a novos territórios corporais para habitar.

Palavras-chave: Mulheres Gordas; Gordofobia; Artes; Política.

ABSTRACT

This article aims to present, from concerns, artistic productions and theoretical articulations, discussions that link fat bodies and their experiences in a social fabric that is sewn as aesthetically violent in the face of everything that is considered dissident, deviant and/or outside the standard. Added to other logics of oppression that cross the experience of being a Latin American woman in a Eurocentric discursive world, we seek to tension, with our experiences, experiences and powers, the plastered and rigid place in which we are situated, based on measures, metrics and weights. that sew our bodily experience. The text is articulated with images that are part of a photoperformatic project in development since the 2000s by one of the authors, seeking to articulate other ways of saying that not only the written word. We defend the importance of making fat visible as a form of political

¹Psicóloga, poeta, doutoranda no Programa de Pós Graduação em Psicologia e Sociedade da UNESP/Assis-SP. <https://orcid.org/0000-0001-5340-5720>. Endereço eletrônico: ruthpiveta@yahoo.com.br

² Artista, performer, ativista, gorda, feminista, fotógrafa e professora. Pós-doutora pelo LUME-UNICAMP. Professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina (UEL) <https://orcid.org/0000-0002-1866-3297>. Endereço eletrônico: grassacrua@gmail.com



action as well. In addition to victimizing or pathologizing logics, exercising the policy of making ourselves present and speaking on behalf of these other experiences of experiencing corporeality. It is a process of constant deconstruction, which allows us to exercise reconciliation and openness to new bodily territories to inhabit.

Keywords: Fat Women; Fatphobia; Art; Politicis.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar, a partir de inquietudes, producciones artísticas y articulaciones teóricas, discusiones que vinculan los cuerpos gordos y sus vivencias en un tejido social que se cose como estéticamente violento frente a todo lo que se considera disidente, desviado y/o fuera de norma. Sumado a otras lógicas de opresión que atraviesan la experiencia de ser mujer latinoamericana en un mundo discursivo eurocéntrico, buscamos tensionar, con nuestras vivencias, vivencias y poderes, el lugar enyesado y rígido en el que nos ubicamos, a partir de medidas, métricas y pesos que cosen nuestra experiencia corporal. El texto se articula con imágenes que forman parte de un proyecto fotoperformativo en desarrollo desde los años dos mil por una de las autoras, desde la idea de articular otras formas de decir que no sean solo la palabra escrita. Defendemos la importancia de visibilizar la grasa también como forma de acción política. Además de lógicas victimizantes o patologizantes, ejercer la política de hacernos presentes y hablar en nombre de estas otras experiencias de vivencia de la corporeidad. Es un proceso de deconstrucción constante, que nos permite ejercer la reconciliación y la apertura a nuevos territorios corporales para vivir.

Palabras clave: Mujeres gordas; Gordofobia; Arte; Política.

Introdução

E existem então tantas razões “liberais” para perpetuar o ódio aos gordxs. Sim, nós finalmente descobrimos que regimes nunca funcionam. Como, então, devemos explicar esta monstruosidade horrorosa? E como podemos nos livrar dela? A nova visão “liberal” em relação à gordura é de que ela é causada por distúrbios psicológicos profundos. (...) Terapia não vai ajudar em nada, porque não há nada para ser curado. Quando vamos parar de nos agarrar a motivos para odiar gente gorda e perceber que a gordura é totalmente normal e uma coisa natural que não deveríamos nos livrar dela? (Nomy Lamm)

Este artigo tem como objetivo apresentar, a partir de inquietações, produções artísticas e articulações teóricas, discussões que vinculam corpos gordos e suas vivências num tecido social que se costura como esteticamente violento diante de tudo aquilo que se considere dissidente, desviante e/ou fora da norma. Vale dizer que o exercício de escrita, neste caso, toma a ideia de Corpos como lugar posicionado, situado numa lógica afirmativa das dissidências e diferenças, em contraponto à ideia de um corpo formatado que se apresenta como um grande lugar de conformação, apagamento e violência. Afirmamos as corpas como possibilidade de potencializar e tornar visíveis as múltiplas experiências do ser/viver mulher. Afirmamos, com Val Flores (2014), a potência e a força de politizar a ferida, narrar a dor e transformar em prazer. Tomamos as corpas como armas políticas e a gordura como explosivo



semiótico (FLORES, 2014), que nos permite fazer política a partir daquilo que sobra, expande, aparece como grande, inadequado, estranho, incômodo.

Somadas a outras lógicas de opressão que atravessam a experiência do ser mulher latino-americana, num mundo eurocentrado, que vai situar na branquitude, na masculinidade e na heterossexualidade a norma para aquilo que se considera humano, buscamos tensionar, com nossas experiências, vivências e potências, o lugar engessado e rígido no qual somos situadas, a partir de medidas, métricas e pesos que costuram nossa experiência corporal. O sujeito universal, ficcionado pela ciência moderna, apaga as diferenças e nos dá como modelo uma imagem, sem idade, sem sexo, sem classe social, sem diferenças raciais, sem território, sem história, sem gênero. Uma imagem que, hegemonicamente, correlaciona a esse sujeito um tipo humano específico: homem, branco, jovem, heterossexual, de classe média alta, europeu. Um sujeito universal ao qual se endereçam práticas universalizadas.

Dessa forma, a nós, mulheres, diante da lógica machista e patriarcal, diante das lógicas coloniais que nos atravessam, nos cabe escrever, relatar nossas histórias para enfrentar e escapar. Escapar dos silêncios nos quais somos construídas e subjetivadas, escapar das lógicas estéticas que são ditadas aos nossos corpos, escapar do medo de nos posicionarmos como mulheres e, em nome disso, sofreremos por sermos escandalosas, incontidas, sem classe ou desequilibradas. Contar as histórias de nossas corpos, compreendendo que corpos são políticos e fazem a história.

Compreendemos o corpo aqui desde uma perspectiva histórico-política, tomando como premissa que ele é condição para o ser no mundo. O corpo é um arquivo vivo, que produz a história (VIGARELLO, 2012), é um acontecimento histórico-político cuja produção é totalmente atravessada pelas práticas, relações de poder e discursos de uma época. Assim, trazemos como ponto de partida a assertiva foucaultiana do corpo como “superfície de inscrição dos acontecimentos” (FOUCAULT, 1979, p. 22) – marcado e constituído pela história. O corpo, no contexto moderno da produção capitalística, é alvo de uma série de técnicas que visam esquadrihá-lo, decodificá-lo, controlá-lo, como

objeto de muitos saberes, alvo de práticas diversas: de moralização, de normalização, de modelização, de “capacitação”, de “treinamento” - enfim, ele tem sido objeto de múltiplas técnicas de construção (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 115).

Alvo de técnicas, práticas e lógicas de controle, o que se observa, em larga medida, é que a existência corporal alinhada a uma lógica da diferença se torna tarefa política de afirmação de outras possibilidades de existência. Partimos da necessidade de pensar a questão da gordura para além de uma característica física atribuída a determinadas formas corporais, mas como espaço de problematização de uma série de elementos discursivamente produzidos no sistema capitalista que vinculam questões estéticas a juízos morais. Nesta perspectiva, na contemporaneidade, ser gorda transcende a questão do peso corporal. De acordo com Laura Contrera (2016), tal adjetivação implica encarnar uma série de outros elementos tomados como negativos: ser gordo significa também ser feio, indesejável, pouco saudável, frouxo, lento, entre outros adjetivos que poderíamos associar aqui. Adjetivações que, ao longo da história, foram produzindo juízos de valores, costurando, inclusive lógicas morais e de ódio em face de corpos que não se encaixam nos padrões corporais normativos.

Nomy Lamm (2009) fala de sua experiência:

Eu conheço o sentimento de não ter mais o que tentar, de sentir que sou inútil por não conseguir perder toda aquela "gordura indesejada". Mas eu sei que a infelicidade não é um resultado do fato de eu ser gorda. É um resultado da sociedade que me diz que por ser assim, sou ruim. Eu não quero que me digam, "Sim, você é gorda, mas você é linda por dentro". É apenas mais um jeito de me dizer que sou feia, que de jeito nenhum eu sou bonita por fora. Ser gorda não é igual a ser feia, não me venha com essa. Meu corpo sou eu. Eu quero que você veja meu corpo, conheça meu corpo. A verdadeira revolução vem não de quando a gente aprende a ignorar nossa gordura e fingir que não somos diferentes, vem de quando aprendemos a usar isto em nosso favor, quando aprendemos a desconstruir todos os mitos que propagam o ódio aos gordxs. (LAMM, 2009, n.p.)

Tais lógicas de ódio, endereçadas a corporalidades gordas, se condensam, atualmente, sob o signo de gordofobia. O termo gordofobia deriva do termo *fatphobia*, cunhado por ativistas do *fat activism* estadunidense, e seu uso é recente nos países latino-americanos, sendo difundido inicialmente por meio da internet, a partir de ativistas gordes que começam a utilizar o termo, em meados de 2012 (PAIM, 2019). A gordofobia pode ser definida como uma lógica de aversão à gordura, que se manifesta no medo e pavor de engordar e desprezo pelas pessoas gordas, “configurada pelo sentimento de repulsa ou acentuado desconforto para com pessoas consideradas gordas, podendo estar seguido de atos de violência física, verbal, moral,



psíquica” (PAIM, 2019, p.1). Ela opera como um sistema de opressão, que discrimina pessoas gordas de diversas formas, “desde humilhação, inferiorização, ridicularização, patologização e exclusão” (PAIM, 2019, p. 2), pautada na ideia amplamente disseminada de que a gordura é sinônimo de adoecimento ou incapacidade pessoal.

Na contramão desse discurso, pensar as corpos gordas como possibilidade de resistência política nos permite um alinhamento à luta por uma sociedade que se articule a partir de outras referências. Tarefa árdua num contexto de fascismos que se articulam como regimes de verdade, e produzem relações violentas diante de tudo aquilo que ameaça a ordem social normativa vigente. Apostamos, nessa perspectiva, na ideia de produzir multidões. Multidões *queer* (PRECIADO, 2011), das quais as corpos gordas, em sua potência de resistência, participam.

Os corpos da multidão queer são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina anatômica e da pornografia, entre outros, que construíram o corpo straight e o corpo desviante moderno. A multidão queer não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”. Por oposição às políticas “feministas” ou “homossexuais”, a política da multidão queer não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”: são os *drag kings*, as *gouines garous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientesciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas. (PRECIADO, 2011, p. 16).

Nosso texto se articula com imagens que fazem parte do projeto A Natureza da Vida. Trata-se de um projeto fotoperformático em desenvolvimento, desde os anos 2000, por uma das autoras, e que se utiliza de diversos meios como fotografias, áudios, vídeos e performances nas produções e problematizações propostas no trabalho. As ações são realizadas em locais públicos em diversas cidades do mundo. Parques, praças, universidades, museus, teatros queimados, bosques destruídos e outros espaços que nos afetam. Estes lugares são parte das ações, incorporações, diálogos e atravessamentos com as paisagens. As fotografias são realizadas pela própria artista (*selfies*), por diferentes fotógrafa(o)s, artistas, amiga(o)s e o público em geral, convocadas(os) a participar durante as ações.

As fotografias realizadas por estes múltiplos olhares são fundamentais na construção do trabalho. Pretende-se, assim, produzir imagens com diferentes sentidos, olhares heterogêneos que compõem um conjunto de imagens singulares, diferentes entre si. Procuramos construir uma rede de imagens e interpretações sem um único fio condutor, mas, sim, composto por múltiplos olhares e diferentes formas de apresentação.

A proposta imagética aqui não se alinha a uma perspectiva representativa ou analítica, sendo que, o que nos interessa, é o que a imagem diz, a potência da imagem como experiência de abertura, de conexão, de criação de outras maneiras de dizer, sentir, problematizar. (DIDI-HUBERMAN, 2006)

1. Corpos que importam

Corpas Gordas, mulheres grandes, de peso. Juntas somamos dois milhões de anos, sempre estivemos aqui, existimos desde que existe a humanidade. Somamos às nossas idades as nossas forças ancestrais, compostas por tantas mulheres que costuram nossas histórias, antes, agora e depois de nós. Das experiências destas corpos é que falamos aqui, marcando nossas existências e visibilidades, trazendo todas nossas dimensões e tudo que geramos, produzimos e vivemos. Sim, nós existimos resistindo todos os dias carregados de preconceitos, e somos corpos que amam, gozam e fazem tudo mais. Nestes dias em que corpos se formatam entre postagens e *likes*, nós dizemos:

Sim, estamos pulsando.
Todas estas *tags* que tentam colar em nossas corpos, nós refutamos.
Nossas corpos importam.

Um olhar cuidadoso sobre as redes sociais, *selfies*, *hashtags* e outros elementos que compõem esse universo de imagens e consumo nos auxiliam a perceber que novos modos de controle das subjetividades e de produção de desejo começam a surgir em nossos tempos, mediados pela rapidez, pelo alto fluxo de informações e pela criação de imaginários que se reproduzem desde um tipo específico de beleza, amplamente vinculadas a uma cultura obcecada com a magreza feminina. Em que pese a relação entre magreza e beleza, observa-se



que há uma íntima relação entre Capital, relações patriarcais e controle do corpo feminino. Neste sentido, Naomi Wolf, em seu livro ‘O mito da beleza’, ressalta que

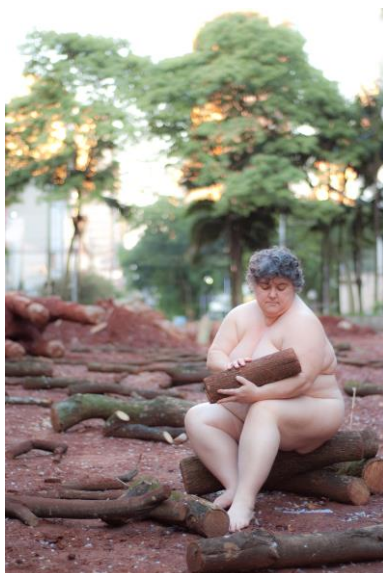
A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

Em contraponto a essa lógica que nos é imposta cotidianamente, este ensaio parte de nossas experiências como corpos consideradas impossíveis, inadequadas e abjetas. Corpos consideradas transgressoras, que, dizem, devem ser contidas, modificadas e extintas a todo custo, nem que para isso seja necessário cortar, retalhar, manipular, sugar, modificar, retocar, refazer e reconstruir um novo corpo dentro das normas e formas. Estas corpos gordas não cabem nos padrões propostos por esta sociedade cheia de regras, moralista e deprimida, que em geral se incomoda com as formas exuberantes e livres. Dentro das normas sociais, as corpos devem ser e fazer muitas coisas como comer corretamente e somente um pouco, serem pequenas, sempre jovens, ágeis, leves, produtivas, sorridentes e prontas para atender aos sistemas cisheterofascistas.

Apresentamos, aqui, elementos referentes às nossas experiências de mulheres gordas, articulando narrativas pessoais a atravessamentos histórico-políticos sobre nossas corpos. Trata-se de um ensaio encarnado, produzido a partir de histórias que nos costuram, coletivamente, e, também, a partir de histórias outras que construímos acerca de nós mesmas.

Artistas de muitas linguagens, uma artista-professora-fotógrafa-performer, a outra psicóloga-pesquisadora-escritora, juntas nos potencializamos. Encontro de corpos de peso. Buscamos abrir frentes, afirmar nossas existências, resistir às normas e propor outros caminhos às nossas corpos maravilhosas. Seremos vistas, ouvidas, estaremos presentes com nossas memórias, histórias e ficções. Somos muitas, ao infinito, desde sempre. Resistimos e refutamos os discursos que nos condenam ao silêncio e às invisibilidades. Criamos estratégias e proposições que nos levam além das linhas que dividem, rompem, esmagam. Estamos com outras o tempo todo, em todos os lugares, muitas outras, um vasto mar de mulheres gordas estão aqui, enormes e incríveis e nos fazem voar. Somos leves, ágeis e muito perspicazes, nos

ensinaram a estarmos sempre alertas e nossas forças e tamanhos aumentaram e se potencializaram. Somos gigantes.



Performance A Natureza da Vida. O Bosque Central foi mantido desde o início da cidade com um conjunto de árvores nativas. O local foi cortado ao meio retirando-se uma série de árvores para um projeto de uma futura rua. A prefeitura não tinha nenhuma licença para este projeto. Artistas londrinenses e parte da população ocuparam o espaço e se mantiveram em ações múltiplas até conseguir, em conjunto com a ONG MAE, transformar o Bosque em Área de Proteção Ambiental (APA). A Prefeitura foi obrigada a desistir da rua e replantar mudas no espaço. Londrina, 2011. Fotografia por Graziela Diez.

A respeito da importância de nomear-se como mulher gorda, Lucrecia Masson (2016, p. 56) defende que se trata de tática importante enquanto estratégia de visibilização e afirmação: “nombrarme gorda como estratégia de autoenunciación. Nunca liviana. Y sirva este último para que la paradoja dé lugar a la sonrisa. Nómbrarse para volvernos visibles. Ocupar el espacio para volvernos visibles”³. Nos narramos, portanto, na busca de criar brechas, fissuras, nos discursos hegemônicos por meio dos quais falamos em nosso nome, explicamos nossas vivências sem vivê-las, criticamos nossos modos de vida como se fossem sempre iguais. Narramos nossas diferenças.

³ “Nomear-me gorda como estratégia de autoenunciación. Nunca leviana. E que sirva isto para que o paradoxo dê lugar ao sorriso. Nomear-se para nos tornar visíveis. Ocupar o espaço para nos tornar visíveis” (tradução nossa).



A Natureza da Vida, Cine Teatro Ouro Verde, um ano após o incêndio. O teatro é projeto do arquiteto Vilanova Artigas e queimou num domingo, no final do processo de reforma. Londrina, 2013. Fotografia por Luciano Pascoal.

Tratamos da afirmação da corpa como ponto de partida para uma outra filosofia, um outro modelo de pensamento que o toma como campo e condição de possibilidade para o pensamento, tendo em vista que “as ideias só nos pertencem na medida em que algo nos acontece ao corpo” (DELEUZE, 2002, p. 73). É, portanto, no encontro entre os corpos que se torna possível o exercício do pensamento.

Compreendemos que falar de nossas corpas é tratar de elementos que constituem os processos de subjetivação em determinadas condições de possibilidade, construídas e legitimadas por aspectos discursivos que se constroem social e historicamente, a partir de técnicas e práticas das quais o corpo se torna objeto de controle e poder numa sociedade capitalista. O corpo, portanto, é objeto social, e tem uma centralidade nas discussões sobre produtividade, docilidade e obediência dos sujeitos. As experiências do ser mulher nos atestam que esse controle é constante, sendo diversas estratégias utilizadas para conter nossos corpos, amansar nossos desejos, silenciar nossas vozes. A cultura da dieta e a ideia do corpo magro como desejável e saudável participa dessa maquinaria que busca, mais do que um cuidado com as corpas, o seu controle. Dessa forma, afirmamos com Naomi Wolf que

a gordura na mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós, mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina, mas uma obsessão com a obediência feminina (WOLF, 1992, p. 247).

Corpas grandes, largas, pesadas, desobedecem a norma, subvertem a lógica. A partir disso, interrogamos quais forças e potências são passíveis de produção na trajetória de vida de mulheres gordas na relação com um mundo gordofóbico, preconceituoso, ergonomicamente desconfortável e excludente. Como situar nossas copras frente a um modelo de organização social esteticamente marcado pelo signo da magreza-beleza-saúde em contraponto à gordura-feiura-doença, signo este que acaba por produzir, na contemporaneidade, uma estigmatização da gordura e, conseqüentemente, das pessoas qualificadas e classificadas como gordas e, portanto, fracassadas na conquista de um corpo aceitável (SANT'ANNA, 1995; CONTRERA; CUELLO, 2016). Estas, por não se enquadrarem nos tamanhos corporais ditados pelos índices de medição e avaliação corporal, são responsabilizadas individualmente por seus fracassos sociais, por seus desleixos e suas faltas de autocuidado.

Propomos abordar copras gordas não a partir dos signos de incapacidade, fraqueza e fracasso, mas sim desde aquilo que tais copras são capazes de fazer, de suas belezas e possibilidades, mapeando quais caminhos possíveis vêm sendo inventados na busca de romper com as lógicas dietéticas e estéticas (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008) que colonizam os corpos e anulam as possibilidades de diferença.

Tomamos as copras gordas como copras dissidentes (MASSON, 2016), em suas possibilidades de se configurarem enquanto corporalidades-resistência. Copras desviantes, fortes, robustas, escancaradamente redondas, sem subterfúgios, subvertem lógicas de visibilidade, lógicas estéticas hegemônicas, lógicas de ocupação, lógicas de aparecimento. Somos o que somos, como somos, o que aparece por si e é negado, retalhado, inadequado, e que, por sua inadequação, dizem, deve desaparecer. Cortes, recortes, dobras, redobras – copras que expandem, crescem e são combatidas. Estrias na pele, rejeições na alma. Começa



em geral na casa, na família, na escola, entre amigos e conhecidos, os olhares, os xingamentos, o alvo de piadas inúteis e maldosas. Somos ignoradas, esquecidas e abjetas.

2. Produzir arte para (r)existir

As ações performáticas, as imagens, palavras e sonoridades são caminhos pelos quais encontramos nossas vozes, formas de nos posicionarmos e de existirmos nestes embates que nos violentam a cada dia. Ser e estar com nossas corpos em relações com os outros corpos, em contatos, conversas e nas produções dos trabalhos permitem que as nossas vozes existam e se posicionem juntas, trazendo forças múltiplas aos trabalhos. A criação nos permite expandir, produzir conexões, produzir com, abrir campo para que as corpos se relacionem e se posicionem, trazendo formas e conteúdos diversos aos trabalhos. Tomamos a experimentação artística enquanto uma aposta em nome da criação de um espaço de produção social, bem como enquanto dimensão ética, estética e política da existência, podendo se configurar como espaço de possibilidade de resistência e criação de outros mundos possíveis.

Este é um caminho proposto que busca perder o controle total da artista sobre a produção e criar com outras parcerias. Significa que o trabalho final não está sob um olhar único e homogêneo, de autoria única, mas marcado pela força destas muitas vozes que produzem resultados heterogêneos e carregados de significados para todes.

Abordamos as questões das corpos através de posicionamentos políticos e éticos, com produções de ações em que as corpos estão livres, muitas vezes nuas. Uma ocupação dos espaços, posicionamentos, colocarmo-nos presentes e visíveis, discutindo padrões, estéticas e as diversidades.

As propostas e ações em arte nos trazem questões presentes nos trabalhos com linguagens e movimentos. Políticas das artes e da vida. Essas produções são perpassadas por muitas emoções e toda uma carga de discursos. Corpos que carregam questões sobre as produções, metodologias e os meios que constroem os trabalhos. Corpos que experimentam em seus gestos, sons e imagens uma potência de criações múltiplas, desterritorializando e reterritorializando suas corpos em constantes linhas de fuga. Corpos como suporte para a arte, ativismos e as linguagens híbridas. As problematizações e os conteúdos constroem os

trabalhos práticos, que se multiplicam nas corpas, em suas desdobras, nas produções e em suas apresentações. São fluxos entre as passagens destas corpas pelas diversas formas de produção que levam a novas concepções de ser e estar no mundo.



A Natureza da Vida, performance realizada para a gravação do documentário “Pluma Forte”, dirigido por Coraci Ruiz, produção Laboratório CISCO, Chácara das Amoreiras, Londrina, 2018.
Fotografia por Gisele Cabrera.

Todos os encontros e compartilhamentos provocam reações, algumas estereis e outras potentes, e todas levam às reverberações necessárias para se pensar e repensar nossos corpos. São reverberações necessárias para se identificar novas possibilidades de relações, para compreender que mundo é este que habitamos e que desejamos para nós. Questões de corpo-vida-arte, entre os embates e interesses em potencializar, encarar e ativar os sentidos e possíveis proposições aos abismos diários que vivemos.

As criações em arte são possibilidades de imersão e reflexões, enfatizando as relações entre os trabalhos realizados e as problematizações que provocam as produções. O corpo é sempre lugar de inscrições e, ao mesmo tempo, mediador e lugar de ativações. São os embates das corpas que buscam seus pontos de relações que levam aos movimentos, às percepções e aos confrontos. É necessário extrapolar as normas, os espaços contidos e as múltiplas regras impostas para a conformação de todos os corpos. É preciso expandir as corpas e soltar as amarras que enferrujam nossos músculos, ossos, ligamentos e emoções. As corpas que se posicionam e ocupam os espaços buscam por outros movimentos, para que os olhares e

respirações possam ser absorvidos nos fluxos das ações. Desses trabalhos surgem, então, camadas, novas peles sobrepostas que compõem as performances e transpiram, respiram, transfundem e se posicionam.



A Natureza da Vida, FotoRio Resiste, Retrato Espaço Cultural, Rio de Janeiro, 2018.
Fotografia por Christina Bocaiuva.

Estas experiências de ações compartilhadas e efêmeras, se encontram, se entrecruzam, se potencializam e os caminhos se abrem para novas proposições. Modos de fazer arte e política das corpos gordas, nossas marcas no mundo.

As artes são campo infinito de posicionamentos e transgressões. Mostrar, debater, afrontar, revelar, questionar, provocar, criando forças poéticas que transcendem às racionalidades e nos atingem direto, no fundo de nossas sensações, e a todas.

Corpas em ações performáticas e em relações de representações. Corpas que se expandem por espaços diferentes, públicos, corpos gordas como modos de existência. Ações que se transformam a cada novo lugar e pelos movimentos relacionais com o público, nas interações e trocas. Espaços que nos atravessam e são atravessados por nós. Deslocamentos.



A Natureza da Vida, 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2017.
Fotografia por Roberta Barros.

Corpas Gordas nuas posam para fotografias com suas dobras, estrias e cicatrizes que estão fora das normas e tabelas que ditam a normalidade. Invisíveis pretendem desvendar-se. Estar nos espaços, atuar, ocupar, ser. As performances são desdobras de outros trabalhos de fotografias de autorretrato. Surgiram pelas experiências com as corpas consideradas fora dos padrões, estranhas aos modelos ditados a todas as mulheres. As ações debatem questões como as relações dos corpos, as biopolíticas, os feminismos, os problemas de gênero e as diversidades, em todos os campos, das corpas às linguagens que se encontram e se desdobram em trabalhos múltiplos, híbridos. Corpas híbridas que se encontram e potencializam as produções e criações em arte.



A Natureza da Vida, Performatus #2, SESC, Santos, 2017.
Fotografia por Eliária Andrade.



3. Manifesto das exuberantes formas

As corpos gordas, de maneira hegemônica, são socialmente odiadas e esteticamente monstruosas (CUELLO, 2016), sendo a gordofobia alimentada pela proliferação ininterrupta de imagens que cristalizam representações estigmatizantes de corpos gordas. São comuns, por exemplo, imagens vinculadas a empresas da dieta e do emagrecimento em revistas, programas de televisão, *websites*, que apresentam corpos gordas em contraponto a corpos magras, nas lógicas de antes e depois, sendo o “depois” as corpos magras alcançadas e almeçadas em detrimento às corpos gordas que devem ser combatidas e corrigidas. Observa-se também a vinculação de pessoas gordas a hábitos alimentares considerados inadequados e estilos de vida sedentários, de forma descontextualizada, naturalizada e totalizante, reduzindo a experiência de ter uma corpo gorda aliada à doença, à infelicidade, à preguiça e às disfunções alimentares. Gordofobia, somada aos machismos pulsantes presentes no tecido social, explode como bombas diárias em nossas vidas.

A cada novo dia, uma guerra a ser vencida, cada enfrentamento do dia é carregado das culpas que são jogadas sobre nossas corpos. As comidas, as roupas, os prazeres, os transportes, os objetos, os encontros, as conversas, carregados de detalhes que não comportam e não se importam com as corpos grandiosas. Agora ainda se soma, a partir do contexto de vivência da pandemia pela Covid-19, a culpa das corpos que ficam doentes, pelos seus tamanhos, sendo a gordura assim alardeada como fator de risco altíssimo e morte iminente certa. A gordura das corpos seria então uma justificativa pelas mortes e a condenação fatal a esse caminho socialmente já imposto. As corpos gordas, segundo o julgamento social, podem morrer já que são corpos errantes, corpos que nada valem dentro dos sistemas patriarcais vigentes.

São muitas as situações enfrentadas por todas nós, cada olhar, cada desprezo, cada risadinha, cada espanto e indignação. O argumento da saúde participa na construção da defesa e justificativa para os preconceitos endereçados a pessoas gordas. A partir da imagem corporal e da observação da morfologia de um corpo, se justifica a condição de saúde ou não do mesmo. A saúde se torna mote principal dos defensores da magreza como norma, sendo praticamente inadmissível que um corpo que se apresenta acima da norma ditada pelos pesos

e métricas seja saudável. Se é gorda, é por falta de vontade, preguiça, gula, baixa autoestima, doença. (CASTILLO, 2014). Constanza Alvarez Castillo, em seu livro *La Cerda Punk*, discute a questão das corpos gordas frente aos diversos preconceitos e às inúmeras violências que atravessam a experiência do ser gorda, apontando quanto o discurso médico, como discurso científico, se associa com os interesses do Capital, em nome da ideia de produção de saúde. Afirma a autora:

La ciencia justifica la discriminación hacia lxs cuerpxs excesivxs, legitimándose como un relato neutral, de ayuda al ser humano y al bienestar público, siendo que realmente existe un gran entramado de intereses socio-económicos y capitalistas, unidos a los intereses financieros de las compañías médicas y psiquiátricas, la industria de la moda, el régimen farmacológico, los planes de pérdida de peso, las cirugías plásticas, los nuevos modos de “elegir vivir sano” impuestos por el Estado, las dietas y la comida, etc. Nos convirtieron en cuerpxs extranjerxs a nosotras mismas, sometidxs a la lógica del buen funcionamiento capitalista (salud/amor/trabajo/sexo)⁴. (CASTILLO, 2014, p. 43).

O discurso da inadequação é constante, podemos observá-lo nas academias de ginástica e outros lugares de “cuidados com os corpos”. Tudo é inadequado para os corpos transgressores, e as desatenções são regra na maioria dos espaços. A lista é grande, as lojas de roupas, provadores, cadeiras de avião, cinemas, carros, ônibus, cintos de segurança, carteiras das escolas, macas de hospitais e clínicas, os aventais para pacientes hospitalares que também não vestem, aparelhos de exames como tomografia e outros, em nada cabem as corpos maiores. E normalmente as corpos vão se sentir culpadas e envergonhadas por não se adequarem aos modelos existentes.

As opressões de gênero se manifestam de forma intensa nesse contexto, sendo que, numa sociedade amarrada a uma lógica machista e eurocêntrica, o corpo da mulher deve ocupar menos espaço, pois o espaço oficial é do homem heterossexual branco e de classe

⁴ “A ciência justifica a discriminação contra corpos excessivos, legitimando-se como uma história neutra, de ajuda ao ser humano e ao bem-estar público, pois realmente existe uma grande rede de interesses socioeconômicos e capitalistas, vinculados aos interesses financeiros das empresas médicas e psiquiátricas, a indústria da moda, o regime medicamentoso, os planos para emagrecer, as cirurgias plásticas, as novas formas de “escolher viver com saúde” impostas pelo Estado, as dietas e a alimentação, etc. Eles nos transformaram em corpos estranhxs, submetidxs à lógica do bom funcionamento capitalista (saúde / amor / trabalho / sexo).” (tradução nossa)



média. O corpo da mulher, nesse contexto, é sempre exposto, e deve corresponder às normas muito específicas para que possa ser aceito desde o imaginário heteronormativo. Castillo (2014) afirma que desde crianças somos ensinadas a cumprir com as normas desse imaginário, que ensina as meninas e mulheres que devemos ser belas, magras, desejáveis para os homens, o que passa a não ser possível quando o corpo e as formas de ser não se encaixam nos modelos ideais estabelecidos.

Diante das lógicas cristalizadas, apostamos em pautar estes assuntos na potência das artes, através destas linguagens e criações que nos permitem outros canais de subjetivações, ressignificações e expressão de nossas emoções, vislumbres e outras questões.

E, assim, diante de tantos olhares pejorativos, ignorantes, irônicos, cínicos e castradores, apresentamos nosso manifesto:

‘O que é ser um corpo livre?

Vivemos entre ideais de liberdade e dominação. Nascemos livres, mas, paradoxalmente, também já
somos escravas muito antes de sermos geradas.

Corpos mediados pelo estado e pelo capital. Escravas dos sistemas que nos ditam normas, regras e
formas a serem seguidas.

Alguns corpos mais livres do que outros corpos.

As censuras são internalizadas, assimilamos estas regras a serem seguidas desde nossos primeiros dias,
e as disciplinas vão sendo introjetadas.

Somos nós que escolhemos cumprir as regras e nos adequamos para existirmos?
Serão escolhas? Ou nem percebemos, mas já nascemos prisioneiras?

Que autonomia realmente temos sobre nossos corpos?
Quais os preços pagos por isso?

A desobediência e as transgressões levam às abjeções.

Os corpos que se posicionam e não cumprem as regras de boa conduta e boa apresentação, que não
estão nas normas estabelecidas como corpos brancos, potentes, magros, vigorosos, saudáveis, esculturais,
bonitos, perfeitos, disciplinados, que não estão formatados, que não se encaixam, aqueles considerados de-
ficientes (sem eficiência), de-formados (sem forma ou informes), feios, tortos, pequenos, grandes, de outras
cores, enfim,
todos que não estão nas normas serão eliminados.

Corpos desprezadas, alijadas dos processos e dos convívios, corpos desimportantes, não serão
registradas e nem representadas, nunca ocuparão os espaços de destaque, não terão tratamentos adequados, nem
equipamentos médicos que atendam seus tamanhos, macas, aparelhos de exames, UTIs, repiradores, nada se
encaixa nestas corpos.

Serão silenciadas, desconsideradas e mortas.
Não devem existir.

Mulheres gordas, grandiosas, aqui estamos.

Ocupamos, insinuamos, existimos, resistimos, estamos e somos.

Dizem: “Não, vocês não podem aceitar serem isso, serem assim, serem essa monstruosidade”.

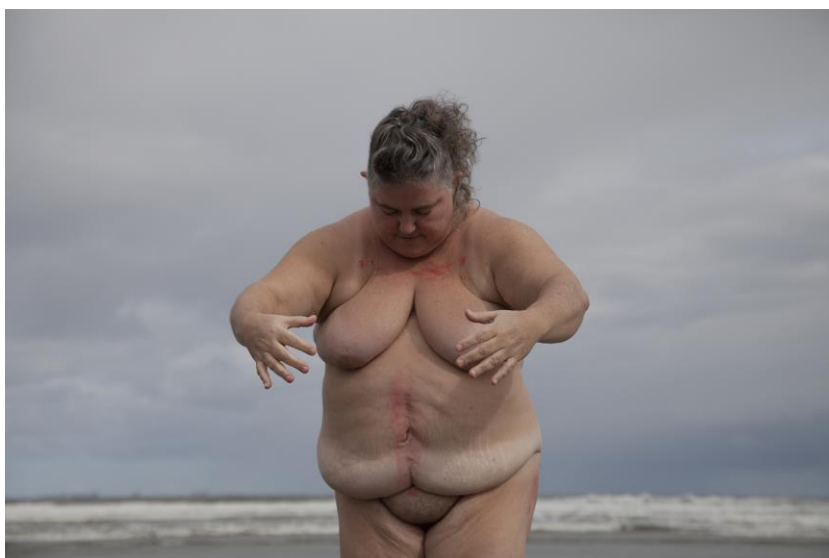
Dizemos: Monstras ancestrais, somos tudo isto, valemos cada grama que pesamos, peso de ouro, peso
de banha, peso que vale cada mililitro de gordura e que nos torna muito fortes.

Tenham medo, seus babacas, nós estamos e vamos ficar.

Juntamos uma grande massa corporal para combater cada vírgula, cada discriminação, cada olhar
enviesado, cada boca torta, cada insulto, e vamos em frente como bola de neve que só cresce e vira avalanche de
gostosuras.’



A Natureza da Vida, FotoBienal MASP, Sala Olho, Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, 2013.
Fotografia por Graziela Diez.



A Natureza da Vida. Performatus #2, SESC, Santos, 2017.
Fotografia por Luiza Prado.



Considerações finais: para os tempos de guerra, arte...

Para além dos discursos médicos, das teorias sobre autoestima, dos mercados e seus nichos, somos mulheres de todas as formas, tamanhos e amores. Dançamos, cada uma as suas danças, danças de vida, de momentos, de experiências em voar, em se assumir e se tornar visível. Como é possível ser tão grande e, em muitos momentos, ter que se esconder, se encolher, se adequar? Em meio a cabelos, às roupas de listras, estampas de flores, pretinhos tubinhos, roupas largas, sapatos estreitos, cintos de segurança que não nos cabem, poltronas que não nos acolhem, roupas que não se ajustam, medidas descabidas, vamos existindo. E o tamanho XG encolheu, nem mesmo os XXG nos servem mais. As medidas diminuíram, cada marca tem seus tamanhos que convêm aos marketings, às vendas que não servem em ninguém. São sempre corpos-abstrações que devem entrar naqueles modelos impostos de uma moda que não nos diz nada. Feitas para serem incômodas, feias e mal articuladas com as corpas, para gerarem insatisfações.

Articulamos, diante desse contexto, a importância de visibilizar a gordura como um modo de ação política (CASTILLO, 2014), falar da gordura para além das lógicas vitimizantes ou patologizantes, exercer a política de nos fazer presentes e falar em nome dessas experiências outras de vivenciar nossa relação com nossas corpas. Trata-se de um processo de desconstrução constante, que nos permite um exercício de reconciliação e de abertura a novos territórios corporais para habitar.

Muito se fala, dizem isso, dizem aquilo, as corpas se preocupam tanto com o que dizem delas. Elas, corpulentas, suculentas, gostosas, procuradas, desejadas, apetitosas, espertas, fortes, donas de si, são excluídas por tudo que são - as melhores qualidades se tornam as maiores cargas. Tanto maiores as forças, tamanhos, e gostosuras, maiores os combates e negações.

Dietas, tratamentos, academias, cirurgias, nunca se chega lá. Corpas redondas, dizem, não devem existir. Todas deveriam ser retas, com barrigas tanquinhos, bundas encolhidas, coxas que não encostam ou não se esfregam, braços finos, rostos angulosos, ombros pontudos. Será? Isso mesmo? Corpos sem charme, sem curvas, sem opulência. Tudo que somos, somos, e os desejos são intensos, o charme transborda, mas o que o sistema diz é o contrário. Então, dizem, é necessário negar, esconder a real dos corpos, cortar se for preciso,

extirpar partes, fazer modificações na carne, nos órgãos, nos ossos, as gostosuras devem estar escondidas ou serem eliminadas, não devem ser demonstradas, ainda que estejam sempre em alta nos desejos escondidos e manipulados. Malditos discursos, é necessário explodir esta lógica, mulheres gordas são lindas, são gostosas, são pesadamente incríveis.



A Natureza da Vida, Projeto Silo, Fazenda Viçosa, Distrito Maravilha, Londrina 2013.
Fotografia por Graziela Diez.

Explodir essa lógica em nome da afirmação da vida, em nome da negação das lógicas que querem nos moldar todas iguais. Apostar na alegria como dispositivo para a construção de outras maquinarias, para criar e sustentar corpos-guerrilha. Apostar na alegria, aqui, compreendida enquanto relação, efeito no corpo de encontros que aumentem sua potência. Pensar estratégias para disponibilizar o corpo, possibilitar experimentações, que ampliem as chances, diante da imprevisibilidade dos encontros, de que tenham aqueles que nos alegrem.



Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo**. 2a ed. 2a reimp. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- CANÇADO, Maura L. **Hospício é Deus – Diário I**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CASTILLO, Constanza Alvarez. **La cerda punk**. Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista & antiespecista. Valparaíso, Chile: Trío editorial, 2014.
- CONTRERA, Laura. Cuerpos sin patrones, carne indisciplinada: apuntes para una revuelta gorda contra la policía de la normalidade corporal. In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). **Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne**. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolas (orgs). **Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne**. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- CUELLO, Nicolas. **¿Podemos lxs gordxs hablar?** Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne. In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). **Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne**. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa – filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Inquietar-se diante de cada imagem. Entrevista realizada por Mathieu Potte-Bonneville & Pierre Zaoui. **Vacarme**, nº37, do outono de 2006: Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Disponível em: <http://www.vacarme.org/article1210.html>.
- FLORES, Val. Prólogo. In: CASTILLO, Constanza. **La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, anticapitalista y antiespecista**. Valparaíso: Trio Editorial. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 4, 1979.
- MASSON, Lucrecia. El cuerpo como espacio de dissidência. In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). **Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne**. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- LAMM, Nomy. **É uma revolução grande e gorda**. Disponível em: <http://cafcwb.blogspot.com.br/2009/09/it-big-fat-revolution-nomy-lamm.html>
- PAIM, Marina Bastos. Os corpos gordos merecem ser vividos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e56453, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156453>
- PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 115-121 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil.

PRECIADO, B. Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, 19 (1), 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-facista**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. IN: Sant’anna, D. B. (Org.). **Política do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, dez. 2004. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3286/2544>

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um "arquivo vivo". **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 21, p.225-236, nov. 2000. Entrevista concedida à: Denise Bernuzzi Sant’Anna. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20219/15945>.

WOOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1992.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 05 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de dezembro de 2022.